

Qual o papel das ONG na Nova ordem Económica? A Dimensão Ambiental

3.º Congresso Nacional dos Economistas
Funchal, Centro de Congressos da Madeira
23 de Outubro de 2009

Viriato Soromenho-Marques
(Universidade de Lisboa e Programa Gulbenkian
Ambiente)

www.viriatosoromenho-marques.com

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

- 1. Por que não podemos continuar como estamos?
- 2. A crise do Ambiente como desafio de cidadania: as ONG ambientais.
- 3. Quatro Propostas para Mudar a Economia.
- 4. Conclusões.

1

Por que não podemos continuar
como estamos?

De onde partimos?

- Uma crise maior do que a de 1929:
“*Nature still offers her bounty*” (Roosevelt, 4 de Março 1933)?
- “*My country is going to disappear under water...*”, Mr. Anote Tong, Presidente da República do Kiribati, New Delhi, 05.02.2009 (32 atóis, 107 000 hab.)

Uma era de risco e incerteza

- O risco comensurável: conhecimento da distribuição das probabilidades (ex: acidentes de viação).
- Risco incomensurável ou incerteza (ex: Alterações climáticas; resíduos e instalações nucleares; OGM...).

Alterações climáticas, face da crise ambiental?

"One of the problems is that the issue is still being framed as a scientific and environmental issue. This is a major mistake. Climate change is just a symptom of dysfunctional social and economic practices and policies. It is a social and economic issue. The emphasis needs to shift away from the biophysical sciences now to the social sciences if we have any hope of solving this problem.", Bob Doppelt, *The Guardian*, 14.04.2009

Ambiente: a mais profunda das crises...

- Dimensão planetária (atmosfera)
- Irreversibilidade (biodiversidade)
- Aceleração acumulativa (clima, contaminação cadeia alimentar)
- Descontrolo crescente (segurança ambiental)
- Entre a entropia e a complexidade.
- Natureza ontológica e estrutural

O axioma do prometeísmo...

“(...) A humanidade só se coloca tarefas que está em condições de solucionar...”

(...) stellt sich die Menschheit nur Aufgaben, die sie lösen kann...), K. Marx, *Zur Kritik der politischen Ökonomie*, 1859

...ou uma tarefa excessiva?

- “Nós estamos, de facto, a disputar uma corrida entre o mais tenaz pensamento imaginativo – ou aquilo que eu chamo engenho – e as crescentemente expansivas complicações do nosso mundo. E em demasiado sítios e assuntos críticos nós estamos a perder a corrida.”, Thomas Homer-Dixon, “Ingenuity Theory: Can Humankind create a Sustainable Civilization?”, 2003

As Alterações Climáticas

- Mudanças de natureza antropogénica.
- 1750: 270-285 ppmv de CO₂.
- Maio de 2008: 387 ppmv de CO₂.
- A União Europeia tem defendido a necessidade de não ultrapassar 450 ppmv de CO₂ equivalente: algo de deverá ser atingido antes de 2020).
- O marco dos 2.°C e a inércia do sistema.

Perceber a incerteza

- 450 ppmv CO₂eq. significam 78% de possibilidade de atingir >2°C, mas também 18% de atingir >3°C.
- 550 ppmv CO₂eq.= 69% para 3°C; 24% para 4°C; 7% para 5°C.
- O problema dos *feed-back* positivos.

Fonte: Stern, 2009

2

A crise do Ambiente como Desafio de Cidadania: A Emergência das ONG ambientais

A constelação de actores da crise ambiental

- Instituições e políticas públicas.
- ONG e outros parceiros sociais.
- Partidos políticos
- Meios de comunicação social
- Sistema científico e académico
- Economia, mercado
- Ética pública, filosofia, religião.

Os “Velhos Valores” da modernidade

- Ideologia do Progresso.
- Optimismo científico e tecnológico.
- Centralidade do Estado (a metáfora da Ermitage).
- Uma concepção teleológica da história
- A imagem bélica da práxis política (Carl Schmitt e a *Feind-Freund* dicotomia).

Novos Valores...

- Pluralismo em vez da ideologia do progresso.
- Uma perspectiva crítica da tecnologia e da ciência.
- Cepticismo acerca dos efectivos poderes do Estado.

...para uma nova prática social

- Recusa do fim-da-história (*'the show must go on'...*).
- Acção política entendida como "cooperação compulsiva".
- Nova ênfase na cultura da participação política local, sem perder visão global. Novos estilos de vida e padrões de consumo.

O “habitat” da Cidadania

- Criação e manutenção de um “espaço público” onde é possível partilhar da liberdade e a felicidade públicas.
- Capacidade de iniciar, pelas palavras e pelos actos, algo de novo, ilimitado e indeterminado.
- Irreversibilidade sem perdão.
- Imprevisibilidade sem promessa
(ver Hannah Arendt).

3

Como Mudar a Economia na nossa Vida
Quotidiana, no Sentido da
Sustentabilidade?

Quatro Propostas Concretas para uma
"nova ordem económica"

Consumismo e felicidade individual

- “A perspectiva de uma sociedade de pessoas felizes [logo, tendo uma relação distanciada com os bens materiais] devia ser suficiente para causar calafrios ao nosso sistema produtivo, baseado num consumo sempre crescente e em desejos nunca satisfeitos” Mihaly Csikszentmihalyi “The Future of Happiness”, Os Próximos 50 Anos, 2008, 106

Uma economia de externalidades negativas

- Externalidades ambientais.
- Externalidades sociais.
- Externalidades culturais.
- A ditadura do curtíssimo prazo e da maximização dos lucros dos "shareholders".
- Trinta anos de destruição do keynesianismo.

1. Aumentar a Regulação...

- Incapacidade de colocar a economia de mercado verdadeiramente ao serviço dos objetivos de uma sociedade melhor, que só os governos democráticos e legítimos podem determinar.
- Competição desleal, favorecendo as empresas que no mercado nacional ou mundial causam externalidades negativas, tanto do ponto de vista ambiental como socialmente.

...e a intervenção teleológica dos Estados

- Ausência de estímulo nas políticas públicas para as empresas que investem na inovação, nas tecnologias limpas e numa atitude de responsabilidade social para o interior das empresas e nas comunidades onde estas se inserem

2. Repensar a natureza do Capital

- **Capital humano:** trabalho, inteligência, cultura e organização.
- **Capital financeiro:** recursos monetários e instrumentos de investimento.
- **Capital manufacturado:** infra-estruturas, máquinas, instrumentos, instalações.
- **Capital natural:** recursos naturais, sistemas vivos, ecossistemas e respectivos serviços

3. Centrar a Produtividade...

- Um sistema fiscal que penalize os desperdícios e estimule a eficiência e inovação.
- A generalização de taxas, fiscalmente neutras, que aliviem o trabalho e o lucro, em detrimento do desperdício de capital natural.

...na valorização dos Recursos

- Redução do desperdício através da adopção do que poderemos designar como *biodesign*, a imitação inteligente dos processos naturais, compreendendo todo o ciclo do produto e da produção, favorecendo a valorização do capital natural através da criação de materiais que sejam duráveis, reutilizáveis e recicláveis.
- Favorecimento dos produtos multifuncionais, como, por exemplo os edifícios que são capazes não só de oferecer habitação como produzir energia, oxigénio e água.

4. Passar da economia da mercadoria...

- Vivemos de tal modo amarrados à economia das coisas que nos esquecemos que o essencial para o bem-estar humano, são os serviços associados às coisas. A máquina de lavar só importa por nos permitir usar roupa lavada, o automóvel vale sobretudo por nos possibilitar uma deslocação rápida.

...à economia dos serviços...

- Seria positivo se os produtores – em muitos domínios da vida quotidiana -- em vez de apenas venderem produtos aos consumidores, vendessem sobretudo um *fluxo contratualizado de serviços associados aos produtos*, sem jamais perderem, no decurso da vigência do referido contrato, o direito de propriedade sobre os mesmos.

...aumentando a racionalidade do mercado

- A aposta dos produtores seria sobretudo na qualidade e durabilidade dos produtos, com uma extraordinária diminuição dos incentivos à lógica do desperdício. Para além disso, essa mudança do paradigma da mercadoria para o paradigma do fluxo de serviços, estabilizaria de modo extraordinário as relações entre produtores e consumidores, introduzindo mais previsibilidade e racionalidade no ciclo económico, com vantagens para o ambiente, as empresas, os trabalhadores e os consumidores

Indicadores de sustentabilidade

- Respeitar a “capacidade de carga” dos ecossistemas.
- Usar racionalmente os recursos naturais.
- Controlar os fluxos de energia e resíduos.
- Revitalizar a produtividade ecológica dos territórios e “paisagens”.
- Aumentar a resiliência das comunidades locais.

4

Conclusões

Perigos e Oportunidades

“Lá, onde está o perigo
Cresce também o que salva...”

Hölderlin

“A verdadeira generosidade para com o
Futuro consiste em dar tudo ao Presente.”

Albert Camus

O que está em jogo...

“Socialism collapsed because it did not allow the market to tell the economic truth. Capitalism may collapse because it does not allow the market to tell the ecological truth”, Oysten Dahle, Former Vice-President of Exxon for Norway and the North Sea